

ARTE RUPESTRE DO VALE DO TEJO

ITINERÁRIOS POR TERRAS DA AÇAFA

LEADER II



AÇAFA

Açafa foi o nome de um território doado por D. Sancho I, no século XII, à Ordem do Templo. Corresponhia à área dos actuais concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa e a outros territórios situados em ambas as margens do Tejo internacional.

DESCOBERTA

Em 1946 Paulo Caratão Soromenho recolheu, em Fratel, a informação da existência de "pedras escritas no Tejo".

Quando, em Outubro de 1971, se deslocaram a Ródão elementos do Grupo para o Estudo do Paleolítico Português foi-lhes sugerido, por aquele etnólogo, que verificassem a validade da informação.

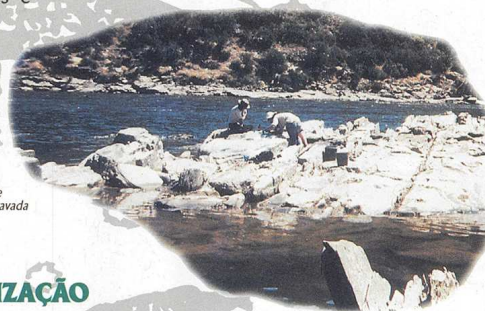
No último dia de Outubro de 1971, numa visita ao cachão do Boi, junto da estação dos



Rocha 155 de Fratel (seg. AMB)

caminhos-de-ferro de Fratel, os membros daquele grupo identificaram os primeiros conjuntos de gravuras do que viria a ser o maior complexo de arte rupestre da Península Ibérica.

Sob a coordenação inicial de Eduardo da Cunha Serrão trabalharam no projecto de levantamento da arte do Tejo, entre outros, Francisco Sande Lemos, Jorge Pinho Monteiro, Vitor Oliveira Jorge, Susana Oliveira Jorge, Maria de los Angeles Querol, António Martinho Baptista, Luís Raposo, António Carlos Silva, Manuela Martins, Teresa Marques, Vitor Serrão, João Ludgero Gonçalves e Mário Varela Gomes.



Moldagem de uma rocha gravada (seg. AMB)

LOCALIZAÇÃO

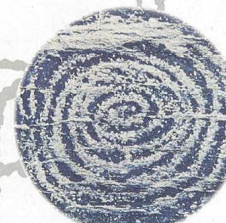
As gravuras rupestres distribuem-se ao longo de mais de quarenta quilómetros de ambas margens do rio Tejo e de alguns dos seus principais afluentes (Ocreza e Sever). Em termos administrativos, situam-se,

na sua maioria, nos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa. As rochas gravadas concentram-se, geralmente, em núcleos onde os afloramentos, de disposição caótica, têm maior largura. As gravuras foram abertas sobre superfícies sub-horizontais, de rocha xisto-grauvácua, com tonalidades que variam entre o azulado e o vermelho acastanhado. Num passado, ainda recente, eram periodicamente submersas pelas cheias. Desde 1974 cerca de 90% das gravuras estão submersas pelas águas da barragem de Fratel, sendo apenas visíveis em São Simão, no limite montante daquela albufeira, em Gardete, a jusante da barragem, e no rio Ocreza.

Rocha 72 do Cachão do Algarve (seg. AMB)

TÉCNICAS E TEMAS

O complexo de arte rupestre do vale do Tejo é constituído por cerca de 25 000 gravuras. Na quase totalidade foram produzidas por picotagem, tendo-se utilizado percutores de quartzo ou de quartzito, rochas abundantes na região. A picotagem da rocha, fazia saltar, sucessivamente, pequenas lascas definindo, assim, a gravura. São muito raras as gravuras obtidas por abrasão. Em algumas parece

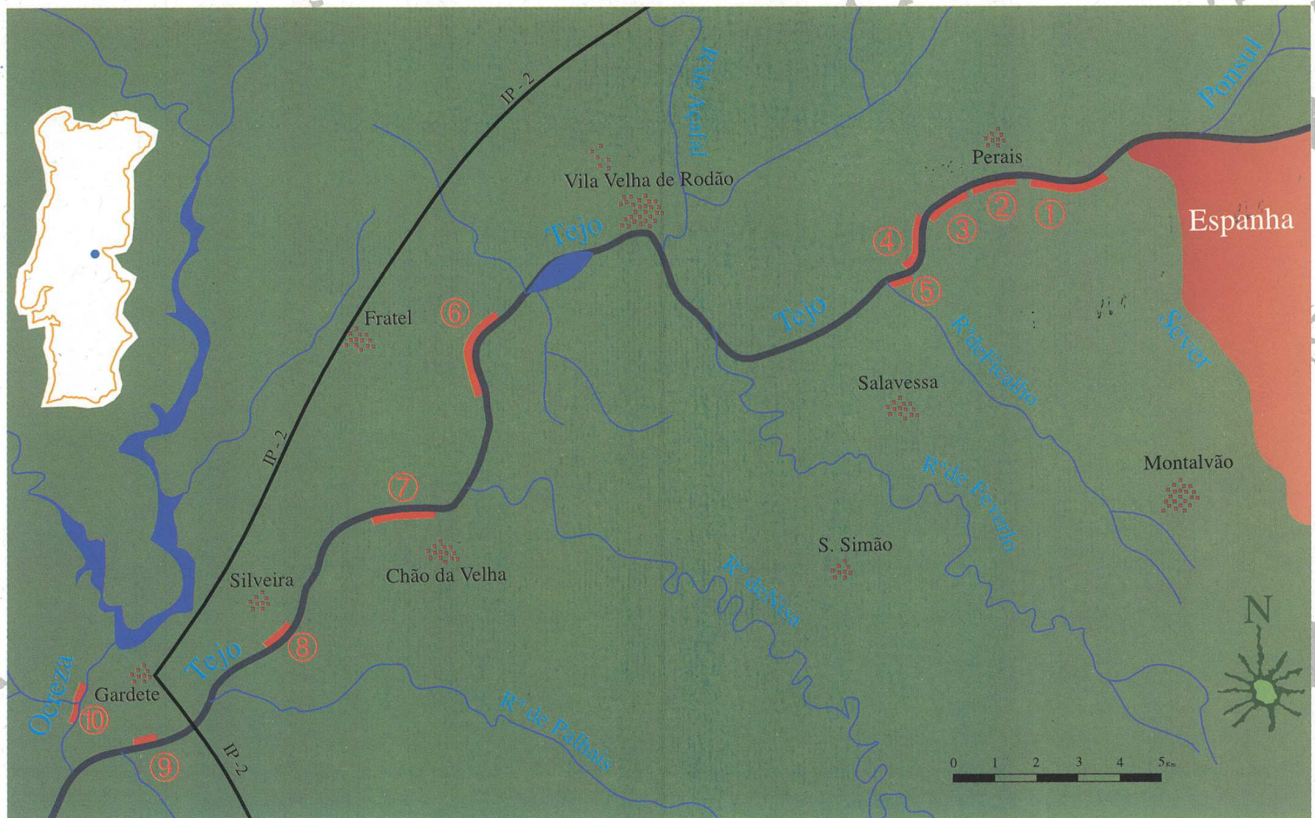


Espiral, rocha do Cachão do Algarve

ter sido feito, previamente, um esboço do seu contorno. Existem três grandes grupos de motivos. Os antropomórficos de vários estilos, desde o sub-naturalismo ao esquematismo, representam 3% da totalidade das gravuras. Os motivos zoomórficos incluem representações de capríneos, cervídeos, equídeos, canídeos, bóvidos e um ursídeo, variando também do sub-naturalista ao esquemático, e constituem cerca de 1,5% do total das gravuras. Os motivos geométricos, 77% das gravuras observadas, constituem o grupo mais numeroso, incluindo círculos, círculos raiados, círculos concêntricos, espirais, ovais, ondulados, lineares, e acentuam o carácter mitográfico desta arte. Os motivos indeterminados



Homem transportando um veado morto, rocha 241 de São Simão (seg. AMB)



LEGENDA

Principais núcleos de arte rupestre

- | | |
|-------------------------|-------------------|
| 1 - Cachão de São Simão | 6 - Fratrel |
| 2 - Alagadouro | 7 - Chão da Velha |
| 3 - Lomba da Barca | 8 - Silveira |
| 4 - Cachão do Algarve | 9 - Gardete |
| 5 - Ribeira do Ficalho | 10 - Rio Ocreza |

BIBLIOGRAFIA. E. Cunha Serrão, A Arte Rupestre do Vale do Tejo, 1978 • A. Martinho Baptista, A Rocha F 155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo, 1981 • M. Varela Gomes, Arte Rupestre do Vale do Tejo, 1987 • M. Varela Gomes, A Rocha 49 de Fratrel e os Períodos Estilizado-Estático e Estilizado-Dinâmico da Arte do Vale do Tejo, 1990 • J. Caninas e F. Henriques, Testemunhos do Neolítico e Calcolítico no Concelho de Nisa, 1985 • J. Soares, O Povoado da Charneca de Fratrel e o Neolítico final-Calcolítico de Ródão-Nisa, 1988 • J.L. Cardoso, C. Tavares da Silva, J. Caninas e F. Henriques, A Ocupação Neolítica do Cabeço da Velha, 1995 • F. Pereira da Silva, A Mamoa da Charneca das Canas, 1991 • F. Henriques e J. Caninas, Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, 1980, 1986.

FICHA TÉCNICA. **Texto:** Francisco Henriques, João Carlos Caninas e Jorge Gouveia **Fotografias:** António Martinho Baptista (AMB) **Desenhos:** António Martinho Baptista e Mário Varela Gomes (em fundo e na capa) **Apoios:** ADRACES-Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul • Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão • IPAMB-Instituto de Promoção Ambiental • IPI-Instituto Português da Juventude **Editor:** AEAT-Associação de Estudos do Alto Tejo/Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Av. da Belavista, 160, 6030 Vila Velha de Ródão.

Muito agradecemos as fotografias, os desenhos e as sugestões de António Martinho Baptista, Mário Varela Gomes, Luís Raposo, João Luís Cardoso e Jorge de Oliveira.

Este folheto foi elaborado no âmbito dos projectos *Itinerários por Terras da Açafa*, financiado pelo IPAMB, e *Ocupação Pré-Histórica no Alto Tejo Português*, financiado pela ADRACES/Programa Leader II. Outros itinerários já editados: Património Construído na Área das Portas de Ródão.

A Associação de Estudos do Alto Tejo recebeu o Prémio Ford de Conservação em 1992 e é membro da Confederação Portuguesa das Associações de Defesa do Ambiente.



ascendem a 18,5%. Este conjunto é um dos mais importantes da arte pós-paleolítica (pós-glaciária) da Europa, com paralelos conceptuais em Monte Bego (França) e Vale Camónica (Itália).

CRONOLOGIA

Os arqueólogos que têm estudado a arte rupestre do Tejo não são unânimes no que respeita à sua periodização e datação. São basicamente quatro as teses até hoje defendidas a este respeito. Eduardo da Cunha Serrão propôs dois períodos de gravação. O primeiro começaria no Neolítico Antigo (5500 a.C.) terminando na Idade do Bronze (1750 a.C.). O segundo período teria o seu auge cerca de 700 a.C. na Idade do Ferro. Emmanuel Anati reconheceu, também, dois grandes períodos de gravação.

O primeiro ocuparia o Epipaleolítico (6500 a.C.) e o segundo o Neolítico Final (3000 a.C.). Mário Varela Gomes defende a existência de longa evolução crono-estilística, com seis principais períodos de gravação pré

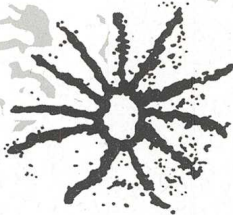
e proto-históricos (Arcaico, Estilizado-Estático, Estilizado-Dinâmico, Meridional, Atlântico, Círculos-e-Linhas), remontando o mais antigo ao Epipaleolítico e o mais recente aos alvares da Idade do Ferro, num ciclo de quase 6000 anos de duração. Finalmente, António Martinho Baptista sugeriu a existência de dois períodos de gravação, a partir do Neolítico Antigo, com início em cerca de 5000 a.C. e fim no Calcolítico-Bronze Antigo, evidenciando uma fase pré-megalítica e duas fases megalíticas.

CONTEXTO E SIGNIFICADO

Os trabalhos de enquadramento arqueológico da arte do Tejo iniciaram-se logo após a sua descoberta e continuaram, até hoje, no âmbito das actividades do Núcleo Regional de Investigação Arqueológica - Associação de Estudos do Alto Tejo. Actualmente, a realidade arqueológica desta região é suficientemente conhecida para se poder afirmar a relevância do povoamento pré-histórico associado ao fenómeno megalítico. Em ambas margens do rio são comuns vestígios de habitats do Neolítico-Calcolítico, corres-



Veados, pormenor da rocha 155 de Fratel (seg. AMB)



Sóis, rocha 90 de Fratel

pondentes a modelo de povoamento disperso e temporário, situados em plataformas detríticas, assim como monumentos funerários de tipo dolmênico, vulgarmente designados por antas.

A dimensão, a unidade e o carácter mitográfico deste complexo sugerem tratar-se de verdadeiro santuário ao ar livre, hipótese desde logo defendida por alguns autores. Os vários conjuntos poderiam, afinal, corresponder a diferentes espaços lúdico-sagrados, locais de "romaria" de comunidades humanas portadoras de uma mesma cultura, distribuídos ao longo do eixo vivencial que é o Tejo. É curioso verificar a proximidade de alguns desses núcleos de arte com cachões e confluências de linhas de água, mas também com povoados pré-históricos ou locais de acesso e travessia do rio, assinalados pelas "modernas" barcas de passagem.

ORIENTAÇÃO

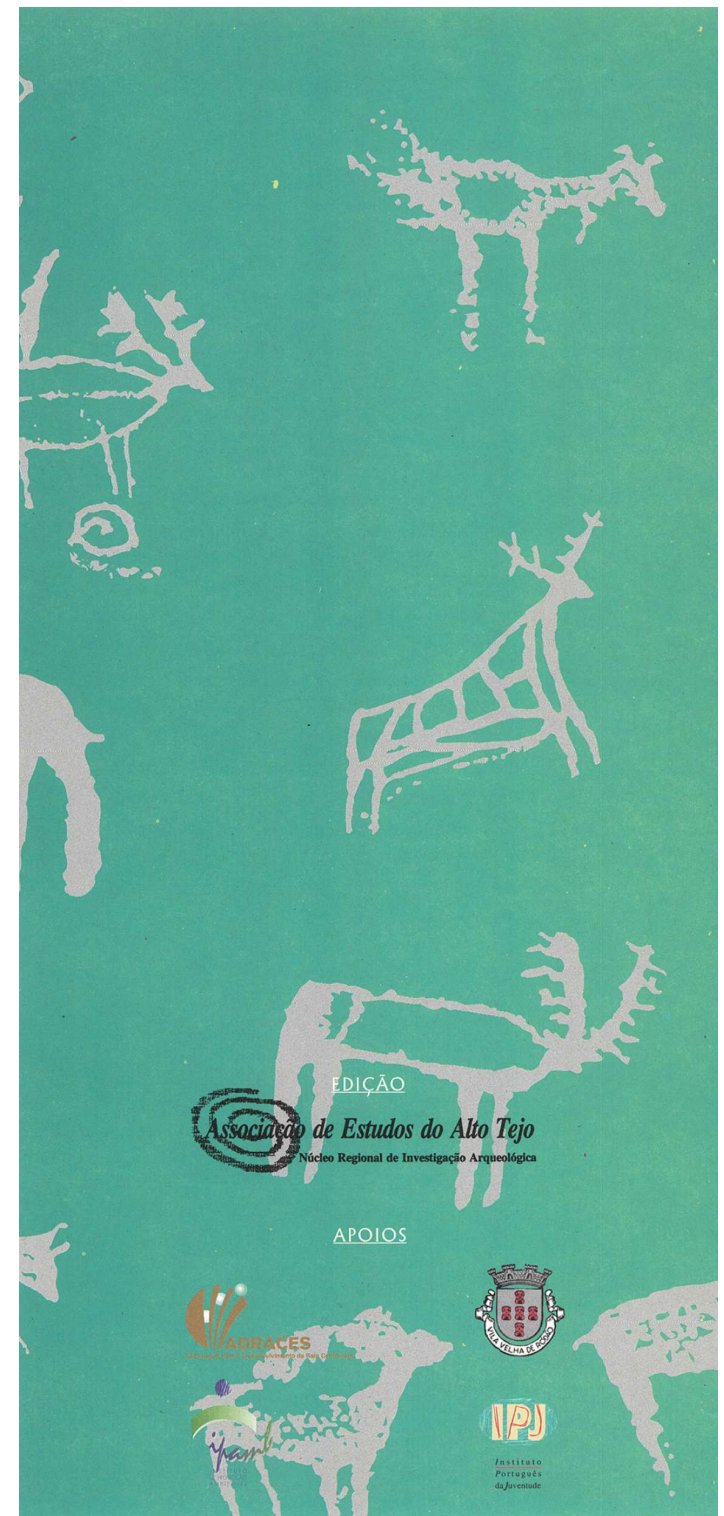
O núcleo de arte rupestre mais acessível, e visível durante quase todo o ano, situa-se perto de Gardete, na margem direita do Tejo, cerca de 500 m a jusante da barragem de Fratel. Trata-se de pequeno conjunto de rochas gravadas, sobretudo com motivos geométricos e alguns antropomórficos, localizadas entre a linha de água e um muro de sirga.

Chega-se à barragem através do IP2. No encosto norte da barragem existe um parque de estacionamento e miradouro. A partir daí toma-se um carreiro que permite o acesso à margem do rio, passando por baixo da ponte dos caminhos-de-ferro. Segue-se

o rio percorrendo o velho muro de sirga até ao momento em que este se afasta da margem. Em períodos de maior caudal as gravuras poderão estar submersas. Aos grupos interessados em visitar este núcleo recomenda-se um contacto com o Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão ou a Associação de Estudos do Alto Tejo.



Rocha do Cachão do Algarve (seg. AMB)



EDIÇÃO
Associação de Estudos do Alto Tejo
Núcleo Regional de Investigação Arqueológica

APOIOS

